

**A NOÇÃO DO PONTO DE VISTA
E O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO
DO CONTO “O PERU DE NATAL”**

Suellen Silva Venturim (UFES)
s.venturim@hotmail.com

1. Breve introdução

Uma nova definição para o ato de retextualizar se caracteriza pela transformação de um texto escrito no interior de um gênero textual para um gênero textual diferente. Para isso, Koch (1995) define condições para a produção do texto, que incluem “as próprias condições do produtor do texto”, “as circunstâncias ambientais, sociais e históricas” e o “canal de circulação do texto”. Levando em consideração as novas perspectivas observadas pela linguística textual atualmente e, a partir disso elaborando uma ampliação do conceito de retextualização, pode-se conceber uma nova noção de retextualização em que se possa antever e a possibilidade de se parafrasear o texto dentro de um mesmo gênero textual.

Dessa forma, este artigo tem como meta observar o processo de retextualização de um texto a partir de visões discursivas diferenciadas. Essa motivação se deve ao fato de observarmos que um mesmo tópico pode ser narrado de maneira variada, dependendo do locutor, do contexto social e do momento histórico em que o texto é produzido.

2. Os conceitos de Retextualização

2.1. Marcuschi (2001)

Marcuschi (2001) nos leva a refletir sobre o fato de que a oralidade e a escrita não podem ser examinadas como opostas. Na verdade, elas devem ser consideradas elementos interativos que se completam nas práticas sociais e culturais. Por isso, o autor afirma: “Justamente pelo fato de a fala e a escrita não se recobrirem podemos relacioná-las, compará-las, mas não em termos de superioridade ou inferioridade”. (MARCUSCHI, 2001)

Partindo dessa posição, o autor busca construir um modelo capaz de analisar o nível de consciência dos usuários da língua sobre as diferenças entre fala e escrita. Ele identifica as operações mais comuns efetu-

adas na passagem do texto falado para o texto escrito. Esta passagem ou transformação é denominada retextualização.

2.2. Dell'Isola (2007)

Nas palavras da própria autora, retextualização ocorre quando há transformação de uma modalidade textual em outra. Trata-se de uma re-facção e reescrita de um texto para outro, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem. Dell'Isola acredita que este processo envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem.

A autora parte do princípio de que os gêneros são fenômenos históricos relacionados a aspectos culturais, e que a língua decorre das ações do homem em suas interações sociais. Dessa forma, considera-se que o processo de retextualização de gêneros torna necessária uma reflexão sobre a situação de produção do texto e também sobre as esferas de atividades em que os gêneros se constituem e atuam. Assim, ao se realizar retextualização, é indispensável levar em consideração as condições de produção, de circulação e de recepção do texto.

Outro ponto importante destacado pela autora é que os processos de retextualização não devem ser vistos como tarefa artificial, pois é fato comum na vida cotidiana e pode ocorrer de maneiras diferentes. Vale lembrar que um mesmo conteúdo pode ser retextualizado de inúmeras maneiras.

Dell'Isola acredita que a prática da escrita de gêneros textuais orientada pela leitura de um texto e pelo desafio de transformar seu conteúdo em outro gênero, mantendo fidelidade às suas informações de base é uma atividade bastante produtiva. Dessa forma, para a realização de tal atividade, é apresentado um conjunto de procedimentos e de reflexões necessárias para desenvolver esta transformação. São eles: 1) *Leitura* de textos publicados, previamente selecionados; 2) *Compreensão textual*, observação e levantamento das características de textualização do texto lido; 3) *Identificação do gênero*, com base na leitura, compreensão e observações feitas; 4) *Retextualização*: escrita de outro texto, orientada pela transformação de um gênero em outro gênero; 5) *Conferência*: verificação do atendimento às condições de produção: o gênero textual escrito, a partir do original, deve manter, ainda que em parte, o conteúdo do texto lido; 6) *Identificação*, no novo texto, das características do gênero-

produto da retextualização; 7) *Reescrita*, após a verificação do atendimento às condições de produção (trata-se da escrita da versão final do texto, feitos os ajustes necessários).

2.3. Travaglia (2003)

Em seus estudos, Travaglia aponta como a tradução e a retextualização podem se relacionar. A autora acredita que a tradução será considerada como a retextualização de um texto numa língua diferente daquela em que foi originariamente concebido. Travaglia nos explica que o tradutor recoloca em texto numa outra língua a reconstrução de um sentido que faz a partir de uma textualização anterior.

Abordar a tradução como forma de retextualização, segundo a autora, ocasiona o deslocamento do foco de observação do processo tradutório para outro aspecto deste mesmo processo:

Para o fato de que, ao traduzir, isto é, “transpor ideias”, “buscar equivalência”, “captar e reexpressar mensagens alheias”, “captar e exprimir sentidos”, etc., o tradutor está, na realidade, acionando todos os elementos que conferem textualidade a um texto e que foram anteriormente acionados pelo produtor do texto original (TRAVAGLIA, 2003, p. 63).

Vale lembrar, ainda, que manejando outra língua, o tradutor estará, de certa forma, dispondo de outros elementos, ou até os mesmos elementos sob perspectivas diferentes.

Travaglia acrescenta que a teoria da tradução enquanto retextualização aborda tanto a língua como conjunto de regularidades discursivamente constituídas, quanto à situação e o sujeito usuário da língua na interação, ou seja, as condições de produção do texto como unidade discursiva de sentido. Leva em conta que o sistema linguístico não é um código estanque e imutável, mas um espaço em constante mudança.

3. Condições de produção textual

3.1. Koch (1995)

Em seus estudos, Koch faz considerações sobre as condições de produção do texto. A autora acredita que pensar essas condições implica levar em conta um dado evento de interação nas práticas discursivas, sendo assim, observa-se:

- As próprias condições do produtor do texto (Quem sou? De que lugar falo? O que pretendo? Em que acredito?);
- A figura do interlocutor (Quem é? Que posição ocupa? Em que acredita?);
- As circunstâncias ambientais, sociais e históricas (Que grau de formalidade é necessário? Em que situação estamos? Que informações partilhamos? Que crenças e valores temos em comum?);
- O canal de circulação do texto (Um livro? Uma revista? Um jornal?).

Averiguadas tais condições, faz-se necessário, ainda, ajustar o texto aos objetivos que se propõe; selecionar o gênero textual mais adequado à situação sociocomunicativa desejada, além de definir a variedade linguística.

4. *Corpus e análise*

Levando em consideração as novas perspectivas observadas pela linguística textual atualmente e, a partir disso elaborando uma ampliação do conceito de retextualização, considera-se possível conceber uma nova noção de retextualização em que se possa parafrasear o texto dentro de um mesmo gênero textual.

O conto “O Peru de Natal” nos relata a história de uma família que, devido à natureza cinzenta do pai, nunca pode aproveitar a vida da melhor maneira; no natal, por exemplo, nunca haviam saboreado as partes mais nobres do peru. É importante destacar que, embora os fatos relatados sejam vivenciados por diferentes personagens, o conto é narrado com foco no ponto de vista de apenas um personagem: Juca, o filho.

Partindo deste breve comentário sobre o conto, entra em questão o *corpus*, que consiste no trabalho “Recontando um Conto: O Peru de Natal”, desenvolvido em sala de aula pela disciplina de comunicação e expressão verbal, ofertada pela PUC/SP, no primeiro semestre de 1982. Os estudantes reescreveram o conto de Mário de Andrade a partir da visão de diferentes personagens. Ou seja, o mesmo tópico foi narrado sob perspectivas discursivas diferenciadas, mantendo-se o gênero textual inicial. Lembrando que os alunos da PUC/SP, ao realizarem este trabalho, efeti-

varam um processo de ler e descobrir o texto. Dessa forma, foi possível analisar e “trazer à tona a simbologia do texto, seu implícito, seu não dito... destecer o texto; e então, o leitor/descobridor, agora criador/escritor, agente de seu próprio processo de recriar/innovar, produz um texto que se remete ao processo anterior de leitura/decodificação”. (Recontando um Conto: O Peru de Natal, 1982). A partir das considerações feitas sobre retextualização e também sobre as condições de produção do texto, seguem as análises feitas a partir do *corpus* estudado.

TEXTO 1:

O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai, aconteceu cinco meses antes, foi de consequências decisivas para a felicidade familiar. Nós sempre fomos familiarmente felizes, nesse sentido muito abstrato da felicidade : gente honesta, sem crimes, lar sem brigas internas nem graves dificuldades econômicas. Mas, devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, de uma exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fora de um bom errado, quase dramático, o puro-sangue dos desmancha-prazeres.

O primeiro fragmento (**Texto 1**), retirado do conto original de Mário de Andrade, o ponto de vista expresso, ou seja, a perspectiva de apenas um personagem - no caso, Juca, o filho - nos revela um pai de “natureza cinzenta”, “mediocre” capaz de privar a família de qualquer aproveitamento material. Juca descreve o pai com um tom de revolta, agressividade e insatisfação com suas atitudes, já que considerava o patriarca o responsável por impedir a felicidade plena da família.

TEXTO 2

Aqui permanecerei até voltar ao meu estado de consciência conhecido. Sou um homem vulnerável, não posso me tornar disponível às verdades transformadoras da vida. E mesmo um homem de hábitos rígidos como eu não enfraquece nunca! Este momento de clareza, de afetividade, será a recompensa das horas vazias que passo com meus familiares. Horas vazias de mim. Ah, meus queridos familiares! Quisera eu abraçá-los, assim, como os pais abraçam os filhos. Todavia, sou um homem severo e metódico e, graças a esses atributos, tenho mantido minha família num ambiente de paz e comodidade. Sentimento e lágrimas não enchem barriga de pobre (este momento é secreto porque é extravagante; uma regalia reservada a mim, o chefe da casa). Talvez os ricos tenham espaço para alguma emoção, porém ... deixemos de lado as fantasias.

O segundo fragmento (**Texto 2**) faz parte do projeto “Recontando um Conto: O Peru de Natal”, e foi produzido por um aluno da disciplina de comunicação e expressão verbal, ofertada pela PUC/SP. O texto está

baseado nas características marcadas no conto original, porém, parte da perspectiva do pai, e não mais de Juca. Os adjetivos utilizados para caracterizar o pai no conto original, abrem espaço para uma descrição um tanto quanto psicológica e para um personagem em estado de conflito pessoal. Nos é revelado um pai que, por estar consciente de seus defeitos, se julga incapaz de melhorar a relação com a família. Por fim, observou-se que, como o primeiro fragmento foi escrito em terceira pessoa, há predominância da objetividade nos fatos e na descrição do personagem. Já no segundo fragmento, em primeira pessoa, a narrativa se mostra mais psicológica, revelando facetas diferenciadas de um mesmo fato.

TEXTO 3

mo da família. Uma vez que eu sugerira a mamãe a idéia de ela ir ver uma fita no cinema, o que resultou foram lágrimas. Onde se viu ir ao cinema, de luto pesado! A dor já estava sendo cultivada pelas aparências, e eu, que sempre gostara apenas regularmente de meu pai, mais por instinto de filho que por espontaneidade de amor, me via a ponto de aborrecer o bom do morto.

O terceiro fragmento (**Texto 3**), também retirado do conto original de Mário de Andrade, revela um filho na tentativa de alegrar a mãe, agora viúva. Observa-se que, ao descrever a dor da mãe, Juca enfatiza seu ponto de vista, seus sentimentos pessoais, ao dizer “(...) e eu, que sempre gostara regularmente de meu pai (...)”. Ou seja, mesmo que o sofrimento da mãe tenha sido citado, ele não é explorado com mais detalhes.

TEXTO 4

Lembro-me do dia em que Juca me viu muito triste e, não sabendo o que fazer para me alegrar, sugeriu-me que eu fosse ao cinema. Imaginem só! Até que eu achava que o filme poderia ser muito bom, porque eu havia lido os comentários sobre ele, mas não suportaria a idéia de ir ao cinema sem meu Juvenal.

Já o quarto fragmento (**Texto 4**), retirado do conto reescrito por uma aluna da disciplina de Comunicação e Expressão Verbal, ofertada pela PUC/SP, parte da perspectiva da mãe. Dessa forma, a voz presente no texto é a voz da mãe, viúva, que deseja vivenciar o luto pela morte recente do marido. São inseridas opiniões próprias, em primeira pessoa: “(...) até que eu achava que o filme poderia ser muito bom (...)”. Assim, a reescritura nos revela o ponto de vista da mãe de maneira mais aprofundada.

4. Considerações finais

A partir dos resultados obtidos e das observações feitas nos fragmentos retirados do *corpus*, pode-se constatar que as definições para retextualização estudadas talvez não contemplem satisfatoriamente o processo observado no trabalho “Recontando um Conto: O Peru de Natal” tendo em vista a visão tradicional da retextualização. Numa visão ampliada deste fenômeno, pode-se afirmar que a retextualização no interior do mesmo gênero pode apresentar visões de mundo diferenciadas do mesmo evento. As condições de produção textual e os pressupostos que nortearam a atividade foram de extrema importância para sua concretização. “A criatividade manifestada, ora numa nova visão das personagens, ora numa caracterização diferente deste ou daquele ambiente, ora nas variações de tempo, espaço e ação, se expandiu em direções imprevisas, dando origem a contos surpreendentes.” (Recontando um Conto: O Peru de Natal, 1982). Dessa forma, são grandes as perspectivas de ampliação do trabalho, pois se evidenciou a necessidade de elaborar um roteiro capaz de instigar análises mais minuciosas do texto, bem como sua simbologia, seus implícitos para que, mantendo o gênero textual inicial, seja produzido um texto que remeta ao processo antecedente de leitura e decodificação. Com a elaboração de um roteiro de produção textual dentro dos moldes apresentados pelo *corpus*, o processo poderá, então, receber o nome de retextualização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGAMINI, Kamila Brumamatti. Níveis de linguagem e produção do gênero carta: procedimentos de retextualização. Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFES. Vitória, 2006.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. Retextualização de gêneros escritos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

RABATEL, A. La construction textuelle du point de vue. Lausanne, Paris: Delachaux e Niestlé, 1998.

CORTEZ, Suzana Leite. Referenciação e Construção do Ponto de Vista. Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Campinas, 2003.

TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. Tradução e retextualização: a tradução numa perspectiva textual. Uberlândia: Edufu, 2003.